



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7591 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

ENSINAR PARA ALÉM DAS POSSIBILIDADES DO CONTEXTO ATUAL

Francisco das Chagas Rodrigues de Oliveira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Livia Cavalcante Vieira - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Maria Julieta Fai Serpa E Sales - UECE - Universidade Estadual do Ceará

Maria Marina Dias Cavalcante - UECE - Universidade Estadual do Ceará

ENSINAR PARA ALÉM DAS POSSIBILIDADES DO CONTEXTO ATUAL

RESUMO

Este artigo origina-se de uma discussão crítica realizada entre alunos da pós-graduação em Educação ocasionada no contexto educacional de pandemia com o intuito de descortinar reflexões acerca dos efeitos do novo coronavírus na seara educacional. Desse modo, trazemos o seguinte objetivo: refletir acerca do ensino no contexto da pandemia e as mudanças ocasionadas a partir do momento atual vivido, com reflexo nas perspectivas futuras da educação. A fim de dar suporte ao fenômeno investigado, este trabalho teve como pilar metodológico a abordagem qualitativa e o método pesquisa bibliográfica como norte para possibilitar sua realização. Concluímos que deve haver um contínuo esforço no sentido de resgatar o cunho emancipatório para a constituição de uma nação soberana nos moldes de uma educação crítica, sobretudo para conscientizar os seres humanos de seu potencial e das múltiplas possibilidades para a sua emancipação, mesmo em tempos de pandemia.

Palavras-chave: Ensino. Pandemia. Reflexão. Educação.

Num país como o Brasil

Manter a esperança viva

É em si um ato revolucionário

(Paulo Freire)

1 INTRODUÇÃO

O mundo foi afetado desde o mês de março de 2020 por uma pandemia causada pelo vírus denominado SARS-CoV-2 – coronavírus que causa a doença COVID-19 –, o qual

impulsionou os seres humanos a adaptarem-se a novos hábitos e costumes, colocando a urgência de adequação a novas situações e exigências. Todos os setores foram afetados e a educação, conseqüentemente, não ficou fora deste contexto. Como todo segmento, gestores, professores, alunos e seus familiares foram pegos de surpresa, e tiveram que driblar desafios no sentido de buscar alternativas para superar as barreiras da rotina em tempos de isolamento social, sem esquecer dos compromissos que tangenciam a formação humana, dentro dos pressupostos do processo de ensino e aprendizagem.

Assim, estamos vivenciando um momento singular de nossa história segundo o qual necessitamos estar isolados devido a um vírus de origem desconhecida, de propagação exponencial que vem atingindo muitos países. Inclusive o nosso. Com a chegada das notícias de que o Covid-19 fez vítimas no Brasil, as aulas foram suspensas, o comércio fechado. Estados e municípios decidiram suspender todas as atividades não essenciais. As pessoas ficaram em suas casas, confinadas. *Fique em casa*, este é o slogan. Nessa linha, *manter a esperança viva* tem sido um alento. Um *ato revolucionário* porque tem em vista a ação contraditória de reagir e não se render, em que pese a atual situação caótica. De perceber a esperança como resistência e como práxis que se materializa, inclusive, aqui em nossa escrita.

Logo, pretendemos trazer neste ensaio uma discussão acerca do cenário atual no bojo de uma abordagem crítica - cujo cerne reside na compreensão da realidade de maneira fidedigna - sobre a formação do professor para lidar com as questões inerentes a este novo tempo. Uma vez percebidos os múltiplos aspectos que interferem no processo educativo, cabendo aos docentes adequarem-se para conceber renovadas estratégias, e dessa forma, superar as dificuldades do momento vivido, de modo que sejam estabelecidas vias de acesso às respostas que angustiam o cotidiano docente diante desta pandemia. Ademais, cumpre ressaltar a importância de serem enaltecidas as subjetividades desses profissionais, colocando seus sentimentos em perspectiva.

A partir do decreto institucionalizado neste tempo tenebroso, o professor recebe da escola a responsabilidade de ensinar de casa para casa, ou seja, de desenvolver o ensino domiciliar, razão pela qual tiveram que “agir na urgência e pensar no futuro”, como assim afirmou Nóvoa (2020).

Baseados nos fatos mencionados anteriormente, questionamos: Como suprir a demanda por um ensino que promova o pleno desenvolvimento de todos os integrantes da escola nessa modalidade? Quantos trabalhadores serão ainda submetidos a esse regime de trabalho e entregues à própria sorte? A quem interessa polarizar a sociedade, sobretudo no tocante à concepção sobre o Covid-19?

Diante das ponderações colocadas, este trabalho traz o seguinte objetivo: refletir acerca do ensino no contexto da pandemia e as mudanças ocasionadas a partir do momento atual vivido, com reflexo nas perspectivas futuras da educação. Tal reflexão, faremos de forma criteriosa sobre este cenário, em que pese todos os desafios, ocorreu-nos que *manter a esperança viva é em si um ato revolucionário*, fala de Paulo Freire, grande defensor deste ímpeto natural que nos move em busca de melhores dias. Para quem a *esperança* representa um risco?

Posto esse esclarecimento, é importante reconhecer a necessidade de refletirmos sobre as circunstâncias por que passa o professor neste período, em que pese o histórico de políticas que obstaculizam a valorização do magistério e associam a prática de ensino a um acúmulo de informações, distanciando-a do conhecimento. Nesse sentido, faz-se necessário pensarmos novos rumos educacionais, com o objetivo de que sejam concretizados projetos político-pedagógicos alicerçados em uma visão crítica da realidade.

2 METODOLOGIA

Nosso percurso metodológico apoia-se em uma abordagem qualitativa sustentada em Minayo (2016), pois segundo a autora responde a questões particulares e promove o encontro dos pesquisadores com um universo de significados, possibilitando interpretar e compreender a realidade em análise. Nessa trajetória, o método escolhido para dar suporte a este trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica com amparo em Gil (2017), visto que foi elaborado com base em material já publicado, possibilitando aos investigadores um olhar privilegiado sobre o fenômeno observável, com um vasto leque informativo, a fim de analisá-lo em sua inteireza.

Cumpramos ressaltar que os apontamentos feitos pelos pesquisadores convergem para uma reflexão crítica sobre o objeto de pesquisa, contemplando o meio e suas especificidades, com um olhar capaz de perceber muito além daquilo que se vê (GHEDIN; FRANCO, 2011). Com a finalidade de promover mudanças no *status quo*.

3 O CENÁRIO QUE SE DESCORTINA HOJE

De acordo com dados da UNESCO (Junho, 2020), a COVID-19 molestou significativamente o contexto atual, de modo que 69,4% dos estudantes do mundo foram atingidos pelo fechamento das escolas, o que representa 1,22 bilhões de estudantes em todo o planeta – fora da escola em 162 países. Esse contexto, para além dos números, fez com que professores – assim como toda a humanidade –, atravessassem três zonas ao longo deste período em que estamos vivendo. São elas as seguintes:

- **ZONA DO MEDO:** período inicial da pandemia, onde a humanidade fazia compras de forma impulsiva, estocava alimentos e álcool em gel, e irritava-se facilmente por estar confinado sem entender ainda o que de fato estava acontecendo em todo o mundo;
- **ZONA DO APRENDIZADO:** nesta fase intermediária, as pessoas passaram a ser menos controladoras, pararam de consumir alimentos demais e já evitavam notícias na mídia, sob alegação de que traziam dados de morte e de sofrimento por causa do vírus devastador, além de, na sua maioria, reconhecerem-se como sujeitos de um tempo que seria necessário dar o melhor de si como maneira de garantir a sobrevivência.
- **ZONA DO CRESCIMENTO:** nesta etapa, passamos a encontrar um propósito para além do isolamento e das perdas, passamos a ajudar mais, a viver o presente por conta da incerteza com o amanhã, tornamo-nos agradecidos por conjugar, apesar da realidade, o verbo viver. Nesta zona, houve uma proximidade do ser com a crença e de uma fé, independente de religião.

O atravessar das zonas de múltiplos desafios mostrou-nos ainda que a gravidade do momento solicita uma espécie de imediatismo na concretização de ações eficazes tanto no combate ao vírus como na assistência a todas as pessoas, sem distinção de classe, cor e credo. Nessa toada, essas ações contemplam também aspectos que dizem respeito às especificidades de cada indivíduo, o que requer um olhar sensível. Ghedin e Franco (2011, p. 71) partem da ideia de que é necessário articular um movimento reflexivo para que sejam postos em prática a busca incessante por compreensões sobre a realidade. “[...] Isso quer dizer que o olhar quer ver sempre mais do que aquilo que lhe é dado a ver. Olhar, nesse caso, significa pensar, e pensar é muito mais do que olhar e aceitar passivamente as coisas [...]”. Aqui o olhar carrega a essencial missão de questionar para chegar ao âmago das coisas e captar as sutilezas que fazem parte da complexa rede social.

Além disso, devem estar assegurados de forma ampla e qualitativa o funcionamento dos serviços básicos como saúde e educação, com o devido rigor de qualidade conforme nos orienta a nossa base legal na figura da Constituição Federal Brasileira. Que sejam capazes de dar vez e voz ao desejo por uma política estabelecida sob a égide da empatia e da

solidariedade, mesmo porque, consoante Santos (2020, p. 47), o vocábulo *pandemia* significa - em seu sentido etimológico - todo o povo. Não seria então, nessa lógica, uma oportunidade ímpar para a resignificação da sociedade, conjecturando medidas de combate às desigualdades?

A multiplicidade de ideias no tocante às medidas adotadas até agora e de manutenção do isolamento como única solução preventiva tem convergido para a continuidade da cultura de polarização da sociedade, visto que se trata de uma temática capaz de disseminar amplas divergências. Há pessoas que optam por manter-se em casa, e outras que se recusam de forma sistemática a cumprir a quarentena, em que pese o pedido de médicos e cientistas em todo o mundo.

Diante destas circunstâncias, os ataques à Ciência ganharam destaque, com o robustecimento da circulação de notícias falsas objetivando enfraquecer as investigações realizadas sobre o novo coronavírus. Nesse rumo, bolsas de pesquisa têm sido cortadas. A educação, com toda a precariedade que lhe é sobrepujada, tem funcionado através de plataformas da Internet. Uma experiência que, de forma alguma, substitui o chão da sala de aula, e que na verdade vem distanciando mais ainda o ingresso dos estudantes. Isto posto, compreendemos que essa iniciativa tomada pelos órgãos de ensino contribui para reiterar a conjuntura de desigualdades de acesso à educação e o aumento das disparidades (NÓVOA, 2020).

4 UM NOVO TEMPO REQUER NOVAS APRENDIZAGENS E NOVAS PRÁTICAS

Para além de um novo tempo, a pandemia significa para os professores, assim como para considerável parcela da humanidade, uma possibilidade de (re) aprendizagem em todos os sentidos, como bem afirma Santos (2020, p. 45):

A normalidade da exceção. A atual pandemia não é uma situação de crise claramente contraposta a uma situação de normalidade [...] o mundo tem vivido em permanente estado de crise. Uma situação duplamente anômala [...] a crise é por natureza excepcional e passageira e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado das coisas.

O momento revela-se, portanto, uma oportunidade ímpar para rever concepções, teorias, práticas. É tempo de redescobrir nossas capacidades e motivar o aluno a este mesmo caminho. O acesso ao ensino remoto possibilita, no presente, que o professor reinvente-se, que busque formação, que atente-se ao uso das tecnologias para mediar o ensino domiciliar, remoto e híbrido. Para além das consequências extremas, a pandemia da COVID-19 provocou em todos os profissionais, sobretudo no professor, a necessidade de aprender a aprender, em consonância aos pilares da UNESCO.

Há fragilidades que fazem parte da realidade educacional e oferecem dificuldades no campo da formação docente, sobretudo neste período de quarentena. Portanto, problematizar as reais condições de vida e de trabalho dos professores - enaltecendo suas subjetividades - revela-se uma necessidade. A imposição da adoção de mídias digitais como meio de acesso ao ensino não leva em consideração: o perfil dos professores e dos alunos, o planejamento realizado, as metodologias empregadas, o sistema de avaliação, o reconhecimento das especificidades de cada educando para as intervenções nas possíveis dificuldades de aprendizagem, a relevância da interação entre os sujeitos que compõem o cenário escolar e que não pode ser viabilizada através do meio cibernético, e a própria desmotivação dos alunos, bem como a falta de assistência para a condução das atividades e a qualidade do ensino.

O professor com perfil tradicional e inflexível didaticamente precisou rever sua prática

pedagógica para refletir sobre este novo tempo, avanço em termos formativos que se depara com barreiras como, por exemplo, a exclusão de muitos dos seus alunos às tecnologias móveis e à internet. É necessário reconhecermos que, infelizmente, a escola ainda não tem suporte técnico para uso em massa desses recursos. De maneira que convivemos com desafios como os apresentados na tabela 1:

Tabela 1 – Desafios dos alunos e dos professores

Desafios dos Alunos	Desafios dos Professores
<ul style="list-style-type: none"> • Condições de moradia; • Acesso às tecnologias; • Formação dos pais; • Necessidade de sobrevivência; • Familiaridade com os recursos. • Apoio emocional e saúde mental. 	<ul style="list-style-type: none"> • Formação Professores/Gestores; • Acesso às tecnologias; • Tempo; • Dados dos estudantes; • Apoio emocional e saúde mental.

Fonte: Elaborada pelos autores (2020)

Diante de um cenário desafiador, o professor reinventa-se e modela muitas possibilidades de chegar até seus alunos para fazer acontecer o ensino domiciliar, utilizando ferramentas diversas, sempre visando à concepção de que “a educação carece ser pensada com foco na educação [...] A distância não pode significar distância do foco, que é a aprendizagem [...]”, como assim afirma Cavalcante & Cruz (2018, p. 57). Por esta razão, o modelo de ensino adotado em nossos dias propõe a superação de tais dificuldades e coloca o professor a buscar outras alternativas, no sentido de fazer chegar até seus alunos de forma domiciliar, a aprendizagem, mediado pelas ferramentas e recursos tecnológicos.

Podemos afirmar que a tecnologia constitui na travessia dos sujeitos entre o passado, perpassando o presente e focada no futuro, uma importante ferramenta que modifica hábitos, comportamentos e costumes. Foi através da informática que os seres humanos passaram a conhecer novos padrões de vida, modos de trabalho, comportamentos e valores. Não só isso, em tempos em que a Internet está em alta, percebemos a forma como as pessoas lidam com novas culturas, padrões de comportamento e acesso ao mundo globalizado. A educação não fica de fora deste contexto, e o professor ao aprender a aprender nesta conjuntura, termina por adequar-se a novos saberes, novas ferramentas e suportes que lhes garantam condições para desenvolver suas práticas docentes, mediadas pelas tecnologias que aí estão em evidência.

5 CONCLUSÕES

Retomando o objetivo descrito no início deste trabalho, refletir o ensino no contexto da pandemia e as mudanças ocasionadas a partir do momento atual vivido, com reflexo nas perspectivas futuras da educação, percebemos a essencialidade da ação comunicativa pautada no arcabouço democrático, com uma gestão voltada às necessidades de todo o povo.

Como é possível perceber, a utilização de recursos e ferramentas diversos tem contribuído com a dinamização do ensino em tempos de pandemia, de modo a provocar no professor a necessidade da formação continuada em serviço, como assim preceitua o Artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da educação brasileira – LDB (Lei nº 9394/96). Se estas possibilidades surtirão efeito e darão conta do processo de aprendizagem não sabemos, mas não é sugestivo dizer que estamos fazendo de forma aleatória para que o futuro responda-nos se valerá ou não a pena.

Rios (2018) lembra-nos de que “não podemos dizer que o futuro a Deus pertence, porque, na verdade, ele pertence a cada um de nós, que vamos fazê-lo do jeito que nos comprometemos a realizá-lo, com as concepções, conceitos e meios que tivermos”. Uma fala que nos convoca a percebermos a necessidade de haver um contínuo esforço no sentido de resgatar o cunho emancipatório para a constituição de uma nação soberana nos moldes de uma abordagem crítica. O vírus, apesar de ter nome e sobrenome, carece de uma solução em definitivo para sua extinção. Já a educação tem solução definida. Ela própria é a solução (SANTOS, 2020).

Ao bem da verdade, é importante destacar que estamos diante de um novo tempo, cujo processo educativo dá-se mediado pelas tecnologias. Assim sendo, uma vez que professores, escolas e famílias obtenham acesso aos softwares que fazem a interlocução entre os estudantes e o conhecimento, seguindo uma concepção idealizada, possibilitamos a proximidade do ato de educar ao contexto da sala de aula e também familiar, contribuindo para que a aprendizagem transcorra de forma significativa (NÓVOA, 2020).

É necessário, pois, revermos práticas, adotarmos novos paradigmas que atendam às exigências não do tempo da pandemia da COVID-19, mas, sobretudo, de um novo tempo na forma de fazer e expandir a educação. Para tanto, precisamos redefinir a forma de fazer educação; repensar o sistema social/econômico; compreender possíveis novos ciclos; tornar a Internet banda larga um direito de todos, e assegurarmos a valorização do papel da escola e da universidade perante situações como a que hoje vivemos. Com um olhar crítico que nos permita captar as contradições da realidade. E que nos leve ao entendimento de nosso potencial na esperança da emancipação.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, Maria Marina Dias; CRUZ, Maria Virgínia Tavares. **Experiências de EaD em cursos de Pedagogia do Ceará: um olhar sobre a matriz curricular**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2018.

CNTE. **Relatório técnico do trabalho docente em tempos de pandemia**. E-book da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação. São Paulo: 2020.

GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: jul. 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

NÓVOA, Antonio. Um novo ambiente educativo. **Campo Grande News**, 2020. Disponível em: < <https://www.campograndenews.com.br/artigos/um-novo-ambiente-educativo>>. Acesso em: 25 Julho 2020.

RIOS, Terezinha. **Palestra: Desafios do século XXI - a importância dos educadores na construção do futuro da educação**. SIC, (30m34s) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rrc7cs6ib9I>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Vírus: tudo o que é sólido desmancha no ar. In: TOSTES,

Anjuli; FILHO, Hugo Melo. **Quarentena**: reflexões sobre a pandemia e depois. – 1.ed. – Bauru: Canal 6, 2020. p. 45 - 49.